



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III - GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

TIAGO JORGE DE OLIVEIRA

**O ENSINO DE GEOGRAFIA E A CONSTRUÇÃO DA NOÇÃO DE
ESPACIALIDADE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM
ESTUDO DE CASO NA ESCOLA MUNICIPAL FERNANDO PEREIRA – PASSA E
FICA/RN**

**GUARABIRA/PB
2023**

TIAGO JORGE DE OLIVEIRA

**O ENSINO DE GEOGRAFIA E A CONSTRUÇÃO DA NOÇÃO DE
ESPACIALIDADE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM
ESTUDO DE CASO NA ESCOLA MUNICIPAL FERNANDO PEREIRA – PASSA E
FICA/RN**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em forma de monografia, apresentado no Curso de Licenciatura Plena em Geografia, como requisito para conclusão de curso, na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, orientado pela professora Dra. Angélica Mara de Lima Dias

LINHA DE PESQUISA: Metodologias do Ensino de Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Angélica Mara de Lima Dias

**GUARABIRA/PB
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O345e Oliveira, Tiago Jorge de.

O ensino de Geografia e a construção da noção de espacialidade nos anos iniciais do ensino fundamental [manuscrito] : um estudo de caso na Escola Municipal Fernando Pereira - Passa e Fica/RN / Tiago Jorge de Oliveira. - 2023.

52 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Angélica Mara de Lima Dias, Departamento de Geografia - CH."

1. Ensino de Geografia. 2. Cartografia. 3. Noção de Espacialidade. I. Título

21. ed. CDD 910

TIAGO JORGE DE OLIVEIRA

**O ENSINO DE GEOGRAFIA E A CONSTRUÇÃO DA NOÇÃO DE
ESPACIALIDADE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM
ESTUDO DE CASO NA ESCOLA MUNICIPAL FERNANDO PEREIRA – PASSA E
FICA/RN**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em forma de monografia, apresentado no Curso de Licenciatura Plena em Geografia, como requisito para conclusão de curso, na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, orientado pela professora Dra. Angélica Mara de Lima Dias.

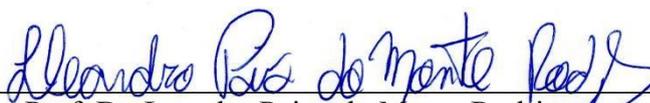
LINHA DE PESQUISA: Metodologias do Ensino de Geografia.

Aprovada em: 20/06/2023.

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª. Dra. Angélica Mara de Lima Dias (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Rafael Pereira da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

“Para aqueles que saem à procura de portas, são corajosos o bastante para abrir as que encontram e, às vezes, ousados o bastante para criar suas próprias.”
DEDICO ESTE ESCRITO!

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu bom Jesus Cristo, porque se não fosse por sua benevolência e vontade, nada seria possível em minha vida. Minha gratidão também se estende ao meu pai putativo, São José, minha maior referência de mansidão e paciência em todas as etapas da minha vida. Agradeço a minha mãe celeste, Nossa Senhora, aquela que assim como nas bodas de caná, se faz providente nas minhas ações, nesta vida e neste ciclo da minha graduação, em específico.

Registro aqui meus agradecimentos aos meus pais, Dona Lela e Seu João Cláudio, por todo apoio ao longo dos meus 24 anos de vida, por acreditarem em mim, nos meus sonhos e sobretudo por sempre me darem muito mais do que eu mereço. Em nome deles, meus agradecimentos destinam-se também, aos meus familiares e amigos, que fazem parte da minha história pessoal, profissional e acadêmica.

De modo especial, agradeço às minhas companheiras de curso, Ana Carla e Natália, por dividirem comigo, desde o início deste, o peso dos desafios e por terem contribuído as suas maneiras para minha formação.

Agradeço também aos meus bons amigos e colegas de curso: Yasmin Santos, Amanda Teixeira, Sabrina Martins, Pedro do Carmo, Gustavo França, Francisco Vasconcelos, Marcelo Jales, Daniel Paulino, Inaura, Francinalva, Hemilly e aos demais, que passaram por essa turma (Geografia 2019.1) e somaram à minha formação. Também, a Adrielen Andrade, pela amizade e parceria, na universidade. Também à Samara e Aninha. Desejo a todos muito sucesso e espero reencontrá-los na caminhada desta vida!

De modo ímpar, meu agradecimento especial ao meu tão querido LaborGeo, Grupo de Pesquisa ao qual integro e a todos que o compõe, por junto a mim propagarem e fazerem Geografia, singularmente a Hayanne, Théo, Thalita, Noberto, Vitória Dias, Euríbia, Maynara, Luciara, Maria Vitória e Wesley Bezerra.

Quero agradecer também aos meus “anjos”, carinhosamente como chamo os meus bons alunos do 5º ano da Escola Municipal Fernando Pereira. Estes que foram mais que essenciais neste escrito, e, porque não dizer que foram a minha BÚSSOLA, me guiando nessa pesquisa e nos resultados cujo alcancei. Também a minha Gestora Escolar, Maria da Silva C. Cláudio, por todo apoio e incentivo.

Agradeço a banca examinadora do meu trabalho, composta pelos Professores Doutores Leandro Paiva do Monte Rodrigues e Rafael Pereira da Silva, por todo cuidado e atenção, e pelas considerações para com a minha pesquisa.

Meu agradecimento especial neste escrito não pode ser a outra pessoa, senão aquela que é amiga, professora, orientadora e uma das minhas maiores referências enquanto profissional do ensino: ANGÉLICA MARA DE LIMA DIAS. Um simples obrigado não seria o suficiente para tanto lhe agradecer por tudo que me ensinou ao longo dos 9 períodos, nos quais pude vivenciar na academia e que em todos eles, sua presença era única de uma forma ou de outra neste trajeto, desse modo, deixo aqui registrado estas breves palavras, mas quero que saiba que muito além disso, existe no lado esquerdo do meu peito um lugar blindado com seu nome.

Por fim, para melhor agradecer a tantas pessoas que fizeram parte deste ciclo da minha vida, faço uso do poema abaixo para registrar que cada um fez, e fará parte de quem EU FUI, SOU E SEREI, sempre:

*“Sou feita de retalhos.
Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma.
Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou.
Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior...
Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade...
Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.*

*E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também.
E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados...
Haverá sempre um retalho novo para adicionar a alma.*

Portanto, obrigada a cada um de vocês, que fazem parte da minha vida e que me permitem engrandecer minha história com os retalhos deixados em mim. Que eu também possa deixar pedacinhos de mim pelos caminhos e que eles possam ser parte das suas histórias.

E que assim, de retalho em retalho, possamos nos tornar, um dia, um imenso bordado de "nós".”

Cris Pizzimenti

“Quando nada parece ajudar, eu vou e olho o cortador de pedras martelando sua rocha talvez cem vezes sem que nem uma só rachadura apareça. No entanto, na centésima primeira martelada, a pedra se abre em duas, e eu sei que não foi aquela que a consegui, mas todas as outras que vieram antes.”

Jacob Riis

043 – Geografia

OLIVEIRA, Tiago Jorge de. **O ENSINO DE GEOGRAFIA E A CONSTRUÇÃO DA NOÇÃO DE ESPACIALIDADE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DE CASO NA ESCOLA MUNICIPAL FERNANDO PEREIRA – PASSA E FICA/RN.** (Monografia de graduação, Curso de Geografia, UEPB/CH, orient. Angélica Mara de Lima Dias, 2023, 52 p.)

BANCA EXAMINADORA: Profa. Dra. Angélica Mara de Lima Dias (Orientadora)

Prof. Dr. Leandro Paiva do Monte Rodrigues

Prof. Dr. Rafael Pereira da Silva

RESUMO

O presente escrito busca problematizar a construção da espacialidade da criança nos anos iniciais do ensino fundamental, a partir de uma pesquisa em campo, mais especificamente no 5º ano, da Escola Municipal Fernando Pereira, escola da rede municipal de ensino, da cidade de Passa e Fica/RN. Discutimos ao longo deste trabalho acerca da Cartografia e sua abordagem no ensino de Geografia, enquanto linguagem, pautando-se em sua contribuição para um ensino mais eficaz. Discutimos sobre o conceito de espacialidade nos anos iniciais do ensino fundamental e também discorremos quanto a importância do professor polivalente enquanto mediador das aulas de Geografia nesta modalidade de ensino. Para tanto, nos debruçamos em referenciais teóricos, a fim de analisar sobre a forma como os conteúdos cartográficos: lateralidade, localização, orientação e representação espacial, representações cartográficas e sistema de orientação são ensinados nas aulas de Geografia, dos primeiros anos de escolaridade. Para além disso, nesta pesquisa, por meio do método pesquisa-ação, busquemos, detectar os problemas no que se refere a uma alfabetização cartográfica, logo, intervir através de atividades pensadas para trabalhar noções de espacialidade, localização, e orientação, são estas: mapa do corpo, caça ao tesouro (a partir da planta da escola) e a realização de um croqui (trajeto de casa até a escola), e por fim, relatar um *feedback* sobre o alcançado nestas intervenções. Ademais, ante os resultados obtidos neste trabalho, destacam-se as primeiras impressões dos alunos a respeito do ensino de Geografia, a forma como os conteúdos cartográficos estão postos nos materiais didáticos do 5º ano da presente escola, e a percepção e experiências obtidas pelos discentes por meio das atividades realizadas durante a pesquisa. Por fim, o escrito adiante possui um caráter norteador para a formação docente do professor polivalente, ante suas considerações acerca da construção da espacialidade de crianças em seus primeiros anos de escolarização e contribui para um novo olhar quanto ao ensino de Geografia nos anos iniciais.

Palavras Chaves: Ensino de Geografia. Cartografia. Noção de Espacialidade.

ABSTRACT

This paper seeks to problematize the construction of the child's spatiality in the early years of elementary school, from a field research, more specifically in the 5th year of the Fernando Pereira Municipal School, a municipal school in the city of Passa e Fica/RN. We discuss throughout this work about Cartography and its approach in the teaching of Geography, as a language, based on its contribution to a more effective teaching. We discuss about the concept of spatiality in the early years of elementary school and also discuss about the importance of the multipurpose teacher as a mediator of Geography classes in this teaching modality. In order to do so, we analyze how the cartographic contents: laterality, location, orientation and spatial representation, cartographic representations and orientation system are taught in Geography classes in the first years of schooling. Furthermore, in this research, through the research-action method, we seek to detect the problems regarding cartographic literacy, then intervene through activities designed to work notions of spatiality, location, and orientation, these are: body map, treasure hunt (from the school plan) and the realization of a sketch (path from home to school), and finally, report a feedback on what was achieved in these interventions. Furthermore, before the results obtained in this work, we highlight the students' first impressions about Geography teaching, the way the cartographic contents are presented in the didactic materials of the 5th grade of this school, and the perception and experiences obtained by the students through the activities carried out during the research. Finally, the following text has a guiding character for the teaching formation of the polyvalent teacher, due to its considerations about the construction of the spatiality of children in their first years of schooling and contributes to a new look regarding the teaching of Geography in the early years.

Key words: Geography teaching. Cartography. Notion of Spatiality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Trajeto casa-escola nas primeiras séries.....	17
Figura 2 –	Croqui do Quarteirão do Bairro.....	18
Figura 3 –	Frente da Escola Municipal Fernando Pereira.....	24
Figura 4 –	Apresentação da atividade Mapa do Corpo.....	29
Figura 5 –	Alunos mapeando o corpo e observando o desenho construído por eles.....	30
Figura 6 –	Aluno mostrando o lado esquerdo do boneco, tendo como referência o coração.....	31
Figura 7 –	Alunos mostrando o que é acima e embaixo, a partir do boneco.....	32
Figura 8 –	Alunos observando a planta da Escola Municipal Fernando Pereira.....	33
Figura 9 –	Alunos levando o boneco ao local orientado pelo professor.....	34
Figura 10 –	Alunos em frente à escola para iniciar a caça ao tesouro.....	35
Figura 11 –	Acompanhamento dos alunos na caça aos objetos escondidos.....	36
Figura 12 –	Apresentação do croqui e seus elementos a turma.....	38
Figura 13 –	Apresentação dos croquis feitos pelos alunos.....	39
Figura 14 –	Croqui da aluna que demonstrou maior dificuldade na elaboração do desenho.....	40

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

RN RIO GRANDE DO NORTE

UEPB UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	12
2.	REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
2.1	O ENSINO DE GEOGRAFIA E A CARTOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS DO FUNDAMENTAL.....	15
2.2	O ENSINO DE GEOGRAFIA E A NOÇÃO DE ESPACIALIDADE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	19
3.	METODOLOGIA.....	24
4.	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	26
4.1	AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES DOS ALUNOS SOBRE A DISCIPLINA DE GEOGRAFIA E A CARTOGRAFIA NO MATERIAL DIDÁTICO DE GEOGRAFIA DIRECIONADO AO 5º ANO.....	26
4.2	INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL REFERENTE ÀS NOÇÕES DE ESPACIALIDADE.....	28
4.2.1	<i>Primeira intervenção - Mapa do Corpo.....</i>	28
4.2.2	<i>Segunda intervenção - Caça ao tesouro (a partir da planta simples da escola)..</i>	32
4.2.3	<i>Terceira intervenção - Croqui (trajeto de casa até a escola.....</i>	37
5.	CONCLUSÃO.....	41
	REFERÊNCIAS.....	43
	APÊNDICES.....	45

1 INTRODUÇÃO

A ciência geográfica é uma área do conhecimento importante e está presente nos mais distintos lugares, uma vez que “[...] a Geografia define-se como a ciência que se preocupa em analisar o espaço resultante das interações entre sociedade e natureza ao longo dos tempos, ou seja, o espaço geográfico” (MENDES, 2014, p. 31). Baseado nisso, podemos entender que a Geografia enquanto disciplina escolar deve estar presente desde os anos iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano), pois neste nível de ensino os alunos passam a compreender o espaço geográfico. Inicialmente partindo da ideia de compreensão do espaço no qual vivem, e por conseguinte numa escala regional e global, dessa forma passando a ler e compreender o espaço geográfico.

Na faixa etária em que se encontram os alunos dos anos iniciais, compreender a Geografia e as noções básicas desta disciplina não é fácil, mesmo que os conhecimentos destas estejam presentes em sua vivência. Desta forma, a linguagem cartográfica se mostra como recurso relevante para se trabalhar na Geografia as primeiras noções de espacialidade. Conseguimos percebê-la quando abordamos e trabalhamos noções de localização, a construção da lateralidade, e até mesmo a representação dos lugares cotidianos. Mas, por outro lado, é notório o quanto essa mesma linguagem ainda é abordada de maneiras imprecisas quando os conteúdos citados acima precisam ser mediados aos alunos.

Esse fator se dá, em muitos casos, pela carência dos alunos enquanto intérpretes e leitores do espaço geográfico, por alguns motivos: o déficit do professor polivalente como mediador desses estudos, em razão da sua formação, distante das maneiras mais coerentes e eficazes de aplicação dos conteúdos e o material didático, muitas vezes, longe da realidade do aluno. Isto implica, de certo modo, na alfabetização cartográfica do mesmo. De acordo com Castrogiovanni (2009, p. 12):

[...] muitos dos professores que atuam nos anos iniciais não foram alfabetizados em Geografia. As crianças chegam ao quinto ano do Ensino Fundamental sem a construção das noções e das elaborações conceituais que compreenderia tal “alfabetização”.

Baseados nos pressupostos acima, surge a necessidade de conhecermos como está hoje a construção da noção de espacialidade por parte alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. Para tanto, desenvolvemos esta pesquisa que tem como campo a Escola Municipal Fernando Pereira e sua turma do 5º ano, na cidade de Passa e Fica/RN, para

entendermos melhor como a Geografia e a Cartografia escolar estão sendo trabalhadas nos anos iniciais do ensino fundamental, por meio de investigação e intervenção pedagógica.

Neste contexto, a presente pesquisa busca analisar o desenvolvimento da noção de espacialidade nas séries iniciais do ensino fundamental a partir de exemplos da escola mencionada acima. Objetivando identificar a construção da espacialidade nos anos iniciais do ensino fundamental dos referidos alunos; e a partir dessa problematização desenvolver propostas de intervenções pedagógicas para os anos iniciais do ensino fundamental referente às noções de espacialidade.

Portanto, tal pesquisa se faz necessária, partindo do que foi pontuado acima, pelo fato de que nos primeiros anos de escolaridade os alunos começam a compreender as primeiras noções de espacialidade. No trajeto de casa até a escola, a partir da leitura de mapas que contém no seu material didático, no desenho que estas mesmas crianças ilustram, de determinados espaços físicos, e entre outras atividades que os mesmos realizam, mas, não possuem ciência de que estão “mapeando”.

Desse modo, compreende-se que, entender e ler o espaço geográfico à nossa volta é indispensável. Para tanto, é fundamental que a partir dos anos iniciais os alunos comecem a entender sobre as possibilidades de localização e orientação possíveis em seu entorno, assim, conseguindo desenvolver as noções de lateralidade e localização, também como representação e mudanças nas posições de pessoas e objetos no espaço. A princípio em pequenas escalas, logo, em escalas maiores, partindo do lugar, para escalas maiores, dessa maneira, conseguindo ler e entender o espaço a sua volta. Portanto, se faz necessário uma maior relação entre aluno e a linguagem cartográfica, no ensino de Geografia, nesta modalidade de ensino. Assim, o uso desta contribuirá para melhor interpretação e leitura do espaço geográfico.

Para além disso, este escrito trata-se de uma pesquisa qualitativa, a partir da exploração e análise de exemplos da construção da espacialidade de crianças que estudam no 5º ano, da Escola Municipal Fernando Pereira, na cidade de Passa e Fica-RN. Nos debruçamos em referenciais teóricos e documentos, para discussões e a equiparação. Utilizamos a metodologia da pesquisa-ação, a fim de diagnosticar possíveis problemas, intervir com eventuais soluções, logo apresentar *feedbacks* e respaldos do que foi obtido na pesquisa.

Ainda, o presente trabalho delimita-se ante as discussões acerca da Cartografia, enquanto ciência, disciplina e linguagem; a conceituação da espacialidade e sua abordagem nos anos iniciais; e o professor polivalente nesse cenário. Ademais, neste escrito pontuamos o

passo a passo da pesquisa, ou seja, as etapas de trabalho, bem como as intervenções e resultados obtidos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Discutiremos ao longo deste capítulo sobre o conceito de Cartografia escolar, de espacialidade e a construção da mesma ante as crianças dos anos iniciais, pautando-nos na discussão acerca de alguns autores que discorrem sobre essa temática. Ainda, abordaremos sobre o papel do professor nesse segmento, quais suas atribuições e como trabalham em suas aulas de Geografia, com as noções cartográficas.

2.1 O ENSINO DE GEOGRAFIA E A CARTOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS DO FUNDAMENTAL

A Cartografia está presente há muito tempo em toda a sociedade, em diversos segmentos, como forma de representação de desenhos e figuras idealizadas pelos primeiros grupos humanos. “Destaca-se como uma das mais antigas ciências, estando presente desde a antiguidade” (RIZZATTI, CASSOL E BECKER, 2020, p. 61). No cenário acadêmico e educacional, a Cartografia pode ser encontrada de diversas formas, dentre elas, como ciência, técnica, arte e linguagem (RICHTER, 2017). Essa diversificação de aplicações e entendimento da Cartografia variam entre os espaços que a circunda.

No campo universitário a Cartografia é entendida e estudada enquanto disciplina, desse modo, podemos compreendê-la como uma ciência e técnica. Por outro lado, na educação básica, podemos entendê-la como uma linguagem, assim, sua discussão nesse segmento parte a partir da arte e das técnicas, dos desenhos e das formas mais simples e cotidianas de a entendermos. Ainda, no ambiente escolar, os conhecimentos acerca da Cartografia são tidos como indispensáveis. De acordo com Oliveira (2007), a mesma se impõe, um valioso recurso do professor de Geografia, haja vista que, a partir da compreensão desta, conseguimos entender o espaço geográfico.

Nesse sentido, no ensino de Geografia cada vez mais vem sendo adotadas práticas e linguagens para um ensino mais dinâmico e eficaz ante essa disciplina. Uma destas linguagens é a Cartografia escolar, que contribui para a construção do entendimento acerca do espaço geográfico desde os anos iniciais. Neste sentido, é importante definir o que é de fato a Cartografia escolar, como a mesma é incorporada ao ensino de Geografia e alguns dos autores que discutem sobre esta linguagem.

Em algumas argumentações existe o discurso de que a Cartografia escolar é exclusiva para trabalhar com a leitura e interpretação dos mapas, todavia, sabemos que para além disso

essa linguagem assume outros papéis ante o ensino de Geografia. Nesse sentido, complementando acerca desta linguagem, Leite (2017) define que a Cartografia escolar tem a função de linguagem e comunicação de informações sobre o espaço que se constitui uma metodologia de ensino para os professores e seus alunos, assim, utilizando-se desta para apresentar e discutir conceitos geográficos no contexto escolar.

Ou seja, esta linguagem possui uma relação direta com o professor e aluno, atuando como facilitadora na compreensão dos conceitos relacionados a ciência geográfica. Para além do auxílio na leitura de mapas, também contribui na facilitação da aprendizagem quanto a diversos conceitos dessa área, todavia, no contexto escolar.

Ainda, a Cartografia escolar está relacionada a três pontos fundamentais dentro desse contexto: a cartografia, a educação e a Geografia, desse modo, mantendo uma relação entre currículo, conceitos cartográficos e conceitos socioespaciais. Esse tripé faz com que a cartografia escolar esteja presente enquanto linguagem nas aulas de Geografia. Assim sendo, é importante pontuar o que as palavras de Almeida (2002, p. 9) afirmam acerca disso:

A cartografia [...] ao se constituir como área de ensino, estabelece-se também como área de pesquisa, como um saber que está em construção no contexto histórico-cultural atual, momento em que a tecnologia permeia as práticas sociais, entre elas, aquelas realizadas na escola e na sociedade. [...] A cartografia escolar está se estabelecendo na interface cartografia, educação e geografia, de maneira que os conceitos cartográficos tomam lugar nos currículos e nos conteúdos de disciplinas voltadas a formação de professores.

Em suma, a Cartografia escolar deve-se estar e permear as atualizações quanto ao ensino de Geografia e sua relação com o espaço geográfico e a leitura e interpretação do mesmo. Ademais, ainda nesse sentido pontuamos acerca de uma alfabetização cartográfica, como forma de aproximar ainda mais o aluno da Cartografia enquanto linguagem.

Para tanto, evidenciamos o que Richter (2017, p. 291) escreve: “a alfabetização cartográfica está fortemente relacionada ao processo metodológico de aprendizagem do mapa a partir dos seus elementos e conteúdos básicos, como signos, escalas, normativas, simbologia, orientação, etc.” Ou seja, baseado na fala do autor, é necessário ante o estudo da Geografia, sobre a Cartografia escolar uma alfabetização nesse aspecto, que por sua vez corresponde a identificação e entendimento da simbologia presente nos mapas, como forma de estreitar a sua relação com o aluno, “é necessário descobrir o significado de cada um dos seus símbolos” (RIZZATTI, CASSOL e BECKER, 2020, p. 64).

Nesse sentido, para alcançarmos uma alfabetização geográfica ou espacial, sendo a linguagem cartográfica fundamental nesse processo, como já salientamos, é necessário promover um letramento, ou seja, a leitura do espaço a partir das suas representações,

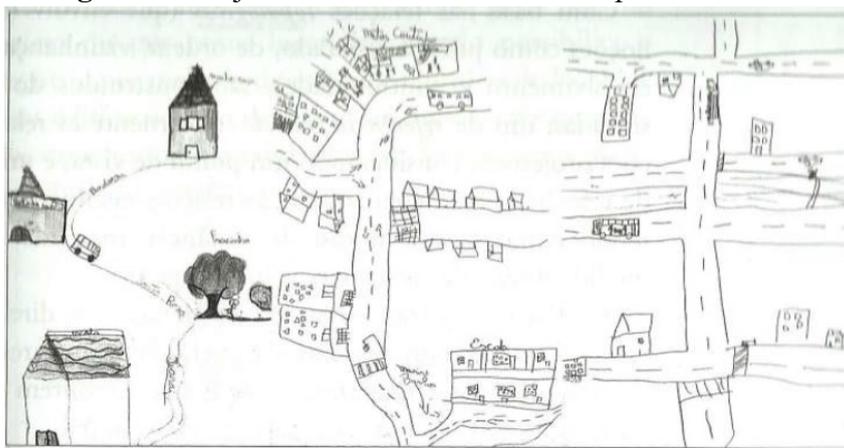
correlacionar formas de mapeamento com conteúdos geográficos e, representar caminhos a partir de leituras espaciais cotidianas. São muitos os produtos considerados cartográficos no contexto da representação espacial (ou gráfica) como cartas topográficas, plantas, mapas, maquetes, entre outros.

No entanto, levando em consideração o ensino de Geografia nos anos iniciais, destacamos aqui formas de representações gráficas mais próximas e adequadas ao nível de ensino dos alunos e sua faixa etária, que partem dos desenhos de trajetos, croquis e mapas mentais. Para Santos (2006) trabalhar com desenhos – que podem ser ao mesmo tempo espontâneos e/ou imitativos - é trabalhar com novas formas de ver, compreender as coisas e comprovar as ideias. O indivíduo, quando desenha, expressa uma visão e um raciocínio. Ainda para o autor são considerados desenhos o realizar da expressão gráfica, copiar formas geométricas, reproduzir alfabetos, copiar e fazer mapas, garatujas e símbolos. Segundo Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007, p. 294):

As crianças, como andarilhos e viajantes, realizam mental ou geograficamente trajetos de um caminho a seguir. São capazes de apresentar, por meio da fala ou de uma escrita figurativa, o traçado desse roteiro com algumas referências básicas (uma casa, uma árvore, uma elevação etc).

Assim, ao contrário de um desenho totalmente espontâneo, o desenho de trajetos têm uma estrutura básica com uma sequência espacial, ou seja, uma ordem espacial associada a um deslocamento no espaço, como podemos observar na Figura 1 a seguir.

Figura 1 - Trajeto casa-escola de aluno das primeiras séries



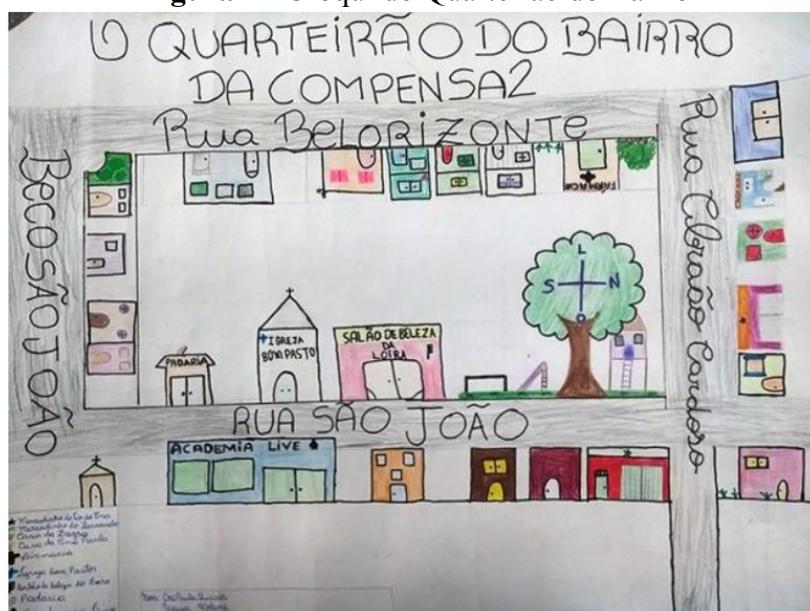
Fonte: Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007).

Outras formas de desenhos ou representações gráficas podem ser ainda utilizadas em sala de aula como o desenho de edificações, utilizado geralmente em trabalhos de campos urbanos, para registro da história local e da mudança das formas em determinada

espacialidade. Ou ainda o desenho (não espontâneo) de paisagens, que de forma mais elaborada requer a coordenação e a transposição do tridimensional (realidade) para um plano bidimensional (papel) artifício utilizado pela perspectiva linear (PONTUSCHKA, PAGANELLI e CACETE, 2007).

As autoras, Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007), ainda destacam, nesse contexto, o desenho de croquis. Para elas, o croqui é um desenho, um esquema rápido, utilizado antigamente pelos geógrafos nos trabalhos de campo e também pelos professores de Geografia em sala de aula, para explicação dos fenômenos e dos processos físico naturais e humanos (Figura 2):

Figura 2 - Croqui do Quarteirão do Bairro



Fonte: IBGE Educa (2018)

O croqui se trata de uma linguagem inteligível ao alcance de todos (PONTUSCHKA, PAGANELLI e CACETE, 2007). Como representação mais elaborada, requer elementos obrigatórios como: título (que expresse o conteúdo) e uma legenda explicativa dos símbolos utilizados. Segundo Simielli (1999), existem vários tipos de croquis e os que mais interessam ao ensino de Geografia são aqueles em que as informações são representadas de forma simplificada e estilizada.

Ademais, nos primeiros anos de escolarização o professor polivalente é o responsável por lecionar as disciplinas contidas na grade curricular, desde a língua portuguesa até a Geografia. Enquanto profissional polivalente, é apto para ensinar nessa modalidade de ensino, no entanto, um dos fatores que podem implicar na ausência de uma efetiva alfabetização

cartográfica no ensino de Geografia nos anos iniciais é, justamente, a maneira como o professor polivalente aborda os conteúdos associados a essa disciplina.

Muitas vezes o docente pedagogo não aborda de forma precisa os conteúdos relacionados a Geografia com seus alunos, por vezes limitando os discentes a meras páginas do livro didático. Isso também se dá em razão que nessa fase, em alguns casos os professores se preocupam mais com as disciplinas como língua portuguesa e matemática que possuem uma carga horária maior.

Richter (2004) afirma no seu trabalho o quanto é difícil formar pedagogos para o ensino da Cartografia escolar, mas que é fundamental manter a relação Pedagogia e Geografia, em sua totalidade nas mais diferentes ocasiões possíveis, em práticas escolares, estágios, e entre outras atividades que possam favorecer o ensino de Geografia por parte do pedagogo, nos anos iniciais do ensino fundamental. Ou seja, o pedagogo precisa se familiarizar com a linguagem cartográfica e trabalhar com seus alunos de modo onde os mesmos possam interpretar o mundo a sua volta, o espaço geográfico.

O que é fundamental nesse caso, é que o mesmo possa sempre explorar o novo e fazer com que os alunos possam entender e gostar de Geografia, desde os anos iniciais, conseqüentemente, entenderem o espaço geográfico e como esse mesmo espaço está relacionado à Cartografia. Por outro lado, também é preciso que enxerguemos e levemos em consideração a forma como os cursos de pedagogia, que formam o professor polivalente prepara esse profissional para lecionar a disciplina de Geografia nos primeiros anos de escolarização. Levando em consideração que o professor precisa dominar o conteúdo para buscar promover ao aluno as melhores condições de aprendizagem por parte dos conteúdos a serem trabalhados.

Callai (2005) corrobora a importância de se refletir em como se dá o ensino de Geografia nos anos iniciais e todos os conteúdos que podemos trabalhar a partir dessa disciplina. Para a autora, é nos anos iniciais que o ensino de Geografia precisa oportunizar aos alunos a prática da leitura espacial, entre outras atividades.

Diante do exposto é que no tópico a seguir discutiremos sobre a construção da espacialidade nos anos iniciais do ensino fundamental a partir da disciplina Geografia e da linguagem cartográfica.

2.2 O ENSINO DE GEOGRAFIA E A NOÇÃO DE ESPACIALIDADE NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Para o melhor entendimento de como a espacialidade está presente nos anos iniciais do ensino fundamental, é importante a discussão acerca da noção de espaço, tempo e grupos, nessa modalidade de ensino. Tais fundamentos partem como norteadores para a criança entender melhor o seu entorno e ajudam a compreendermos mais sobre o conceito de espacialidade nos primeiros anos.

A noção e interpretação do espaço nesse sentido parte da ideia segundo o que Paganelli (2015, p. 25) escreve:

A leitura e a interpretação do espaço concebido pelas representações cartográficas são, também, um aprendizado, iniciado pelo desenvolvimento da expressão gráfica dos espaços cotidianos. Portanto, saber pensar o espaço significa saber ver as paisagens, saber sentir o aroma e os odores dos ambientes; é saber expressar espacialmente, desenhando, pintando, cartografando, os espaços, os deslocamentos realizados ou imaginados.

Assim, entendemos que os espaços cotidianos são de total importância para a construção de representações cartográficas, para as crianças, sobretudo por meio do que as mesmas desenvolvem graficamente (desenhos, pinturas e outros), e que entender o espaço também está relacionado a outros sentidos, como, por exemplo, aos cheiros do ambiente, e, para além disso, sua relação também conecta-se com a imaginação da criança ante o espaço que a mesma trafega.

Por conseguinte, o tempo nesse segmento, está relacionado a forma como as crianças interagem com os registros e relatos vividos. Percebe-se esta aproximação por meio do que a mesma visualiza de "épocas vividas, memorizadas pelos relatos, depoimentos, documentos (escritos, desenhados, pintados, fotografados, filmados), restituindo a presença-ausência, presente-passado, de um tempo produzido" (PAGANELLI, 2015, p. 26).

Por fim, para adentrarmos a conceituação de espaço, discutimos aqui acerca de como para as crianças estar em grupo irá contribuir para seu melhor entendimento do espaço geográfico. Ainda baseando-se no que Paganelli (2015, p. 23-24) discorre:

[...] no grupo social, a criança inicia o reconhecimento da identidade, da individualidade pessoal e de grupo, uma identificação do físico perceptivo ao estético-moral-cultural (o juízo sobre si e dos outros) na análise das relações que qualificam os indivíduos nos diferentes grupos sociais).

Ou seja, a partir dessas identificações pontuadas acima, sobretudo da relação da criança com outras pessoas, bem como com o espaço na qual as mesmas vivem e como estas transformações ao longo do tempo fazem com que estas entendam o espaço e suas mudanças, partimos para a ideia de que nos anos iniciais os alunos começam a entender as primeiras noções relacionadas à Cartografia. Logo, dentre os muitos conteúdos estudados na Geografia,

referentes à esta etapa do ensino fundamental, destaca-se o conceito de espaço, que está relacionado à linguagem cartográfica. De acordo com o que Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007, p. 274):

Os conteúdos em Geografia nesse nível escolar devem promover o desenvolvimento da habilidade de perceber o espaço. Em outras palavras, contribuir para o processo de desenvolvimento da percepção espacial. Essa habilidade poderá contribuir para que seja compreendido o modo pelo qual um dado espaço se organiza.

Para tanto, é fundamental que o docente possa instruir o aluno a entender sobre o espaço geográfico, entender sobre sua localização, a localizar determinados lugares e elementos, a compreensão de como o espaço se organiza. Desse modo, o professor precisa trabalhar com o aluno a partir de atividades que ajudem o aluno a compreender o espaço geográfico que vivem, e, conseqüentemente, a compreender sobre o espaço geográfico no sentido mais amplo. A utilização de mapas, nesse caso, pode ajudar o professor a mediar tal, ou seja, a representação gráfica. A partir desse ponto de vista, Longo (2011, p. 10) profere:

[...] quando se opera com relações espaciais, é necessário localizar-se, orientar-se e expressar-se graficamente. Faz-se necessária a construção de um raciocínio espacial relacionado a uma ação progressiva, e não apenas considerar de um referencial. Esse processo se constituirá por meio da alfabetização cartográfica, que não se limita nas atividades ligadas ao ensino da geografia, mas a um processo interdisciplinar, incluindo a linguagem, a matemática, as ciências naturais e a arte. Ao trabalhar a linguagem cartográfica, desenvolve-se o raciocínio lógico matemático, as noções de espaço, a produção da escrita e a compreensão da representação.

Nesse contexto, é importante trabalhar com a Geografia articulando-a a outras disciplinas quando precisa-se abordar questões relacionadas à linguagem cartográfica. Ou seja, uma das formas mais eficazes para alcançarmos resultados e conseguirmos construir a espacialidade da criança é, trabalhando de forma adequada os conteúdos referentes a essa ciência, por meio da interdisciplinaridade. Ensinar Geografia nas salas de aula dos anos iniciais é estar disposto a também ensinar outras disciplinas como história, artes, dentre outras (STRAFORINI, 2008).

Também é fundamental destacar o quanto o lugar de vivência do aluno favorece a compreensão do espaço geográfico e pode contribuir para com a construção da sua espacialidade. Longo (2011, p. 12) afirma que “os espaços de vivência (rua, bairro, cidade, dentre outros) jamais devem ser esquecidos nas aulas de Geografia; precisam ser retomados e reinterpretados, criando possibilidade de pensar em contextos mais amplos”. Nesse ensejo, todo o espaço vivido pela criança contribui para o melhor entendimento do espaço geográfico ao seu entorno. As brincadeiras e movimentos que as crianças realizam em diversas atividades

ajudará a mesma a melhorar sua relação com o espaço. Assim, destacamos o que Almeida (2010, p. 26) escreve:

O espaço vivido refere-se ao espaço físico, vivenciado através do movimento e do deslocamento. É apreendido pela criança através de brincadeiras ou de outras formas ao percorrê-lo, delimitá-lo, ou organizá-lo segundo seus interesses. Daí a importância de exercícios rítmicos e psicomotores para que ela explore com o próprio corpo as dimensões e relações espaciais.

Ou seja, é preciso que antes de trabalharmos com os alunos sobre o espaço geográfico em um contexto mais global, iniciemos a partir do seu entorno para que em seguida venhamos a trabalhar esses conceitos com exemplos mais globais. E que além disso, possamos trabalhar por meio de atividades dentro deste mesmo espaço ao seu redor, nesse sentido, reforçando o quanto é fundamental trabalhar acerca da Geografia e seus conteúdos relacionados a linguagem cartográfica nos anos iniciais do ensino fundamental. Para isso, fazer com que a criança entenda que o seu entorno e todos os movimentos e trajetos feitos por ela são fundamentais na compreensão do espaço geográfico.

Ensinar Geografia e buscar construir noções de espacialidade com os alunos dos anos iniciais é um desafio, o qual se agrava pelo fato da disciplina não ser considerada prioridade na grade curricular. Ao mesmo tempo, intervir e buscar alfabetizar os alunos nesse segmento, ou seja, cartograficamente tem esse mesmo caráter desafiador. Contudo, é preciso que tomemos esse desafio e busquemos atribuir a essa ciência mais significado nessa modalidade de ensino, para que essa mesma Geografia não fique nesse lugar secundário (STRAFORINI, 2008). Afinal, a Geografia permite ao aluno ter outra visão de mundo, o que se faz necessária nos anos iniciais. Dito isso, Novaes (2005, p. 8) reforça:

[...] a Geografia deve ser ensinada desde as Séries Iniciais, pois essa disciplina escolar permite compreender a dinâmica do espaço social contemporâneo, qualquer que seja a escala de análise. [...] A Geografia, nas séries iniciais, tem uma contribuição a oferecer: a de alfabetizar geograficamente os alunos, desenvolvendo neles a capacidade de observar, ler e compreender, o meio, uma vez que o educando deve atuar de maneira cidadã na sociedade.

Desse modo, para evitar futuros problemas de déficits acerca do aprendizado e construção do aluno em uma perspectiva geográfica, faz-se necessário analisar como está a construção das noções de espacialidade dos alunos nos anos iniciais, quais as perspectivas por parte dos alunos acerca dos conteúdos de Geografia em seus primeiros anos de escolarização, sobretudo, os conteúdos relacionados a espacialização, pois segundo Straforini (2008, p. 88):

Quando uma criança entra na escola fundamental, uma nova fase de sua vida se inicia. Tudo o que ela mais quer é aprender. Essa ansiedade não se resume a ler, escrever e fazer operações matemáticas, mas também desvendar suas inúmeras indagações sobre o mundo que a cerca as coisas naturais e humanas, o mundo da

televisão, do rádio e do jornal, um mundo que é distante, mas ao mesmo tempo próximo, enfim, um mundo mais complexo que a Geografia escolar de base tradicional presume.

A partir do pressuposto acima, entendemos o quanto os alunos estão curiosos e em fase de descobertas nessa modalidade de ensino, o que é relevante para o melhor rendimento nessa disciplina, e para isso é fundamental que o mesmo tenha aulas mais atrativas em relação à Geografia, pois ainda é muito comum que as aulas de Geografia se restrinjam a atividades e leituras unicamente do livro didático, sem uma aproximação da realidade, o que faz com que o aluno não consiga conectar-se ao espaço geográfico que o circunda.

Em paralelo a isso percebemos que é mais viável ao aluno entender o mundo ao seu redor a partir de atividades além da sala de aula, ao invés de interpretar mapas ou figuras do material didático. Não que estas atividades do livro sejam inúteis, muito pelo contrário, é que nessa perspectiva de alfabetizar-se cartograficamente, o propício é justamente estreitar as relações entre a teoria, do material didático, ao meio em que o aluno está inserido, na prática.

Assim, pontuamos o que Castrogiovanni (2016, p. 26) cita em um de seus escritos: “sempre partir de elementos que os alunos já tenham ‘cimentado’ em outras relações faz com que o interesse pela aprendizagem seja maior.” Ou seja, é importante que o que está rotineiramente na vivência da criança seja levado em consideração como meio construtor de uma maior percepção do espaço geográfico.

3 METODOLOGIA

Neste trabalho a metodologia utilizada tem uma abordagem qualitativa de cunho exploratório. Também, debruçada na pesquisa bibliográfica, a partir de informações de livros e artigos, dentre outros materiais que foram úteis para com o conhecimento dos problemas detectados e logo soluções, com o objetivo de analisar o desenvolvimento a partir de exemplos da construção da espacialidade de crianças que estudam na Escola Municipal Fernando Pereira, na cidade de Passa e Fica-RN, especificamente, no 5º ano do ensino fundamental.

A Escola Municipal Fernando Pereira está localizada no município de Passa e Fica/RN, mas especificamente na zona rural do município, na comunidade Fernando dos Inacios. A mesma escola dispõe de poucos cômodos em seu prédio, sendo distribuídos da seguinte forma: 2 salas de aulas, 1 sala para os professores, uma sala para a direção escolar, 1 cozinha, 1 almoxarifado, 4 banheiros, sendo destes 2 para funcionários e 2 para os alunos, ainda dispõe de um corredor, que interliga as salas.

Figura 3 - Frente da Escola Municipal Fernando Pereira



Fonte: Acervo de pesquisa, 2023.

Funciona diurno e noturno, sendo durante o dia as aulas voltadas aos anos iniciais e a noite educação de jovens e adultos - EJA. Possui cerca de 70 alunos e 20 funcionários, entre

professores, gestão, coordenação e colaboradores de serviços diversos. A turma do 5º ano, objeto de pesquisa neste trabalho, é composta por 11 alunos, distribuídos entre 4 meninas e 6 meninos.

Para esta pesquisa utilizamos da pesquisa-ação, que “tem por finalidade possibilitar aos sujeitos da pesquisa, participantes e pesquisadores, os meios para conseguirem responder aos problemas que vivenciam com maior eficiência e com base em uma ação transformadora” (PICHETH, CASSANDRE e THIOLENT, 2016, p. 4). Assim sendo, os procedimentos metodológicos da pesquisa-ação estão subdivididos em três etapas: no primeiro momento diagnosticar o problema referente ao objeto de pesquisa, ou seja, detectar o que está sendo impasse para que tal problema persista; sugere também uma intervenção para desse modo intervir no problema outrora encontrado. A partir da intervenção, chega-se a um resultado / *feedback* do que os alunos, nossos objetos de pesquisa conseguiram entender sobre o que está sendo trabalhado. O *feedback*, por sua vez, consiste na terceira e última etapa da pesquisa-ação, a mesma parte da ideia do que foi ou não possível detectar na pesquisa.

A partir dessas etapas analisamos como os alunos lidam com as primeiras noções cartográficas que são dispostas na disciplina de Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental, dentre elas: lateralidade; localização, orientação e representação espacial; representações cartográficas; sistema de orientação, a partir de mapas e símbolos, figuras, além de, placas de sinalização, entre outros.

Para o desenvolvimento desta pesquisa fez-se necessário observar e examinar algumas questões que são necessárias para compreender o quanto os alunos já entendem sobre noções cartográficas, como identificar as dificuldades que os alunos encontram para entender o espaço geográfico, sobretudo a sua volta; e também, quais são os conhecimentos prévios que estes possuem acerca desta temática, a bagagem das séries anteriores que os mesmos trazem consigo.

Para além disso, levando em consideração os que os alunos já entendem acerca da espacialidade, bem como, dos conteúdos relacionados a Cartografia enquanto linguagem, a intervenção nesse estudo parte da realização das seguintes atividades: Mapa do Corpo; Caça ao tesouro (a partir da planta simples da escola) e Construção de croquis (trajeto de casa a escola). Tais atividades foram realizadas em dias diferentes, em espaços de tempo pontuados mais adiante, nos resultados, conforme o calendário interno de aulas da respectiva escola.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo relatamos detalhadamente e refletimos os resultados obtidos na pesquisa em foco. No escrito, pautamos o passo a passo das atividades e resultados do que foi analisado e desenvolvido ao longo das intervenções como meio para obter um respaldo do que os alunos do 5º ano da Escola Municipal Fernando Pereira já traziam consigo, quanto aos estudos sobre Geografia e os conteúdos relacionados a espacialidade, bem como o que a partir de então, foi possível construir nesse segmento.

4.1 AS PRIMEIRAS IMPRESSÕES DOS ALUNOS SOBRE A DISCIPLINA DE GEOGRAFIA E A CARTOGRAFIA NO MATERIAL DIDÁTICO DE GEOGRAFIA DIRECIONADO AO 5º ANO

Nos anos iniciais do ensino fundamental, muitos alunos enxergam a Geografia como apenas mais uma disciplina, não percebendo-a como aquela que é responsável por estudar e analisar todo o seu entorno, e ainda mais, o espaço geográfico em sua totalidade. De fato, discutir sobre isso com os alunos dos anos iniciais pode ser desafiador, tendo em vista que tal disciplina ainda não está entre as favoritas da garotada. Mas, por outro lado, é indiscutível que o aluno se sente mais atraído pela Geografia quando tal realmente o faz enxergar o mundo ao seu redor, e também longe de seus olhos, como algo dinâmico e recreativo, que aguça sua curiosidade e o faça sempre enxergar entretenimento do que está sendo discutido.

Com a turma na qual esta pesquisa se desenvolveu, o 5º ano da Escola Municipal Fernando Pereira, foi possível observar que de fato a mesma, ou seja, seus respectivos alunos, ainda tinham essa visão mais limitada da Geografia, assim, não vendo-a como uma disciplina capaz de englobar toda a diversidade existente, desde por exemplo, o estudo do seu bairro ao estudo de um país do outro lado do mundo e suas características todas, ou até mesmo, como uma disciplina capaz de abordar muitas temáticas do nosso cotidiano e vida.

Ao questioná-los, oralmente, acerca do que entendem sobre Geografia, foi unânime as respostas, nas quais a grande maioria disse que a Geografia se trata de uma matéria responsável por discutir sobre cidades e países. A partir desses respaldos por parte da turma, é evidente que ainda é preciso, e urgente, discutir sobre Geografia, logo, suas possibilidades de trabalho e discussões, para desmistificar essa teoria equivocada em que na disciplina em discussão apenas se trabalha cidades e países.

Todavia, para ir além na compreensão do que os meninos e meninas desta turma entendem acerca do ensino de Geografia e quais são suas impressões sobre a mesma, os questionamos se apenas o que eles viam em Geografia ao longo dos anos eram cidades e países. E, para além disso, se os mesmos já tinham ouvido falar acerca de algo chamado Cartografia, ou se já tinham estudado acerca de localização, se já usaram um mapa e quais outros materiais usavam nas aulas de Geografia.

Suas respostas mais uma vez foram muito semelhantes. Estes alegaram sim, estudarem outras coisas, dentre elas, questões relacionadas à localização, e que não era comum ter nas aulas muitos e diversos materiais, e que o livro didático era dentre estes, o único que não podia faltar. Por outro lado, a palavra Cartografia era algo novo para eles, assim, é possível compreender que a Cartografia está posta nesse segmento, digamos que mais relacionada aos conteúdos que se discute a partir da mesma, como espacialidade e localização espacial, uso e leitura de mapas etc.

A partir desse levantamento foi possível constatar que ainda é muito limitado o ensino de Geografia nos anos iniciais, para estes alunos em específico e que o livro didático ainda é um dos recursos mais utilizados pelos docentes para darem suas aulas de Geografia. Assim, é possível enxergar que em muitos casos o livro didático é o único material que muitos professores possuem em escolas e utilizam para lecionarem determinados conteúdos e aplicarem suas aulas de Geografia. Nessa disciplina, por exemplo, a linguagem cartográfica encontrada no material didático, a partir da leitura do espaço, abordagens relacionadas a localização, lateralidade e outros, como citado anteriormente. Nesse sentido, Santos (2014, p. 5) escreve:

[...] consideramos o livro didático um material didático, pois engloba diversos recursos (textos, tabelas, gráficos, imagens, indicações de peças teatrais, filmes, músicas etc.) organizados dentro de um objetivo e com uma intencionalidade, independente de as julgarmos corretas ou não. Talvez seja por isso que ele se transformou num manual para o professor. Pois é muito mais fácil seguir a proposta de um livro didático do que usar um globo, que em si não tem uma proposta pedagógica.

Ou seja, o livro didático é um material importante, mas é necessário ser utilizado de forma adequada, a partir da sua proposta pedagógica. Não se pode limitar o aluno aos conhecimentos que esse recurso pode oferecer, por si só, é necessário também buscar outras fontes e meios complementares junto a tal recurso, para que desse modo, o aluno não tenha fixo em si que apenas é Geografia o que está por entre as páginas do livro, que os mesmos possam entender a complexidade e diversidades com que se pode trabalhar com a Geografia, para desse modo, terem então outra visão dessa disciplina.

Ainda existem poucas formas e meios para se trabalhar a espacialidade e as noções cartográficas a partir do livro didático nos anos iniciais, mas é preciso abordar os conteúdos relacionados a essa linguagem que são existentes no material, sempre buscando evidenciar ao aluno o que pode ser além do que está explícito nas páginas desse material e sempre se utilizando do lugar para escalas maiores, referentes às formas de trabalhar os conteúdos de Geografia. Trabalhando o entorno do aluno, no primeiro momento, em seguida, aspectos de sua cidade, estado e país, ou seja, partindo do local para global.

4.2 INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL REFERENTE ÀS NOÇÕES DE ESPACIALIDADE

4.2.1 Primeira intervenção - Mapa do Corpo

Para entender melhor os conhecimentos prévios dos alunos acerca dessa temática e conseqüentemente promover maneiras nas quais os discentes possam expandir seus saberes cartográficos; um dos objetivos desta pesquisa consiste numa intervenção onde possa-se abordar e trabalhar com os alunos as noções de espacialidade e lateralidade a partir dos recursos e métodos existentes na escola, e outros, que os próprios alunos têm: seu corpo. Segundo Almeida (2002) a análise do espaço deve ser iniciada a princípio com o corpo.

Antes de iniciar todo e qualquer processo de intervenção é preciso que possamos diagnosticar e levar em consideração os que os alunos já detêm de conhecimento a respeito do que vai ser trabalhado, para isso, nesta exploração fez-se necessário realizar com eles algumas atividades práticas que os sensibilizassem e também despertasse seus já conhecimentos acerca da construção da espacialidade e lateralidade, e portanto, a proposta foi trabalhar isso com os alunos a partir do seu próprio corpo ante a atividade *Mapa do Corpo*. A finalidade dessa atividade é fazer com que o aluno através da projeção do seu corpo possa obter uma representação real de si de uma forma mais simples e limitada, mas, que fosse capaz de o auxiliar a se localizar fazendo uso como referência, o seu próprio corpo.

Para o desenvolvimento da mesma, no primeiro instante foi explicado aos alunos a finalidade da atividade a ser aplicada, o passo a passo da mesma, a fim de mostrar-lhe as referências de localização a partir do próprio corpo. Nesse sentido, identificar o que está acima, abaixo, à frente e atrás, também a direita e a esquerda, ou seja, ajudar-lhe a localizar-se a partir do seu próprio corpo. De acordo com Almeida (2019, p. 44):

A finalidade do mapa do corpo é fazer com que, por meio da projeção de seu corpo no plano, o aluno obtenha uma representação de si mesmo em tamanho real e com a identificação de seus lados. O boneco tomará o lugar do aluno, e este poderá observar seus movimentos e deslocamentos como se fosse ele próprio. Poderá perceber as posturas assumidas e os trajetos que ele faz no espaço, bem como as relações que se estabelecem entre o boneco (ele) e os demais alunos e objetos. Também será possível trabalhar os referenciais de localização no próprio boneco, do boneco em relação aos objetos e aos outros bonecos, e finalmente, do boneco no espaço, evocando os mecanismos de projeção do esquema corporal.

Esta primeira intervenção, com os alunos do 5º da Escola Municipal Fernando Pereira, foi realizada no dia 04 de maio de 2023, nas 3 horas/aulas da disciplina de Geografia, da referida turma. Neste dia em específico, apenas 9 dos 11 alunos se fizeram presentes na aula e, conseqüentemente, participaram das atividades desenvolvidas. No primeiro momento (Figura 4), dialogamos com os alunos acerca de como seria desenvolvida nossa aula neste dia, e que a atividade proposta tinha uma finalidade para além do que costumávamos realizar em aulas, assim, os avisando que a partir do conteúdo estudado, iríamos desenvolver um mapa do corpo, como maneira de compreensão do que está à direita/esquerda, em cima/embaixo, frente e atrás do nosso produto final, que seria um boneco, mas, precisamente a silhueta de um aluno sobre um papel madeira.

Figura 4 - Apresentação da atividade Mapa do Corpo



Fonte: Acervo de pesquisa, 2023.

Feita essa abordagem inicial, mostramos aos alunos os materiais e recursos que utilizamos para realizar tal atividade, assim, foram estes: 2 folhas de papel madeira, piloto, e uma ilustração do que é um mapa do corpo. Em seguida, iniciamos nossa ação, na qual dentre os 9 alunos presentes na aula, a turma escolheu um que seria nosso aluno referência para ter

seu corpo desenhado sobre o papel. No entanto, todos os demais fariam parte do desenho (Figura 4), em que foi preciso desenhar parte dos membros de seu colega na folha. Tal forma foi pensada a fim de aproximar, desde então, todos os alunos do nosso produto resultante nessa atividade.

Partindo disso, após a ilustração prosseguimos nossa ação (Figura 5) com a observação dos que os mesmos construíram, observando assim uma prefiguração, e porque não dizer um mapa do corpo de seu colega.

Figura 5 - Alunos mapeando o corpo e observando o desenho construído por eles.



Fonte: Acervo de pesquisa, 2023

Nesse momento iniciamos um diálogo a fim de instigar o que os discentes já sabiam sobre lateralidade. Nesse sentido, foi possível perceber que mesmo que inconsciente e de uma forma sucinta os alunos já demonstravam entendimento acerca das noções de lateralidade. Embora pareça algo distante dos alunos, os mesmos já trazem dos anos anteriores alguns conhecimentos sobre isso, bastava ser trabalhado com eles de modo para que eles pudessem lembrar estes comandos e as formas de fixarem sem esquecerem nos anos seguintes, pois trata-se de uma atividade essencial em nosso dia a dia.

Para isso, pedimos que os alunos identificassem, observando o boneco desenhado, onde estava à direita e esquerda do mesmo (Figura 6). Assim, pontuamos a fala do aluno A,

acerca dessa referência: “*O lado do coração é o lado esquerdo do nosso corpo e do boneco*”. (RELATO DISCENTE A, 2023).

Figura 6 - Aluno mostrando o lado esquerdo do boneco, tendo como referência o coração.



Fonte: Acervo de pesquisa, 2023.

Ante essas informações obtidas, por meio dos respaldos dos alunos, conseguimos compreender que as crianças buscam por meio do seu próprio corpo, se estimuladas, formas de se auto-localizarem. Ainda nesse sentido, destacamos as formas como os alunos, através desta intervenção (Figura 7) chegaram à conclusão do que estava acima/embaixo do boneco:

Figura 7 - Alunos mostrando o que é acima e embaixo, a partir do boneco.



Fonte: Acervo de pesquisa, 2023.

Por fim, para concretizar o que discutimos ao longo de toda a preparação e desenvolvimento da atividade mapa do corpo, apontamos o que Almeida e Passini (2010, p. 47) afirmam:

Ao mapear o próprio corpo, o aluno toma consciência de sua estatura, da posição de seus membros, dos lados de seu corpo. Ao representá-los terá necessidade de se utilizar de procedimentos de mapeador - generalizar, observar a proporcionalidade, selecionar elementos mais significativos-, para que a representação não perca a característica de sua imagem.

Ou seja, a criança é capaz, desde cedo, a entender e interpretar o mundo a sua volta, com meios práticos e únicos, como seu próprio corpo.

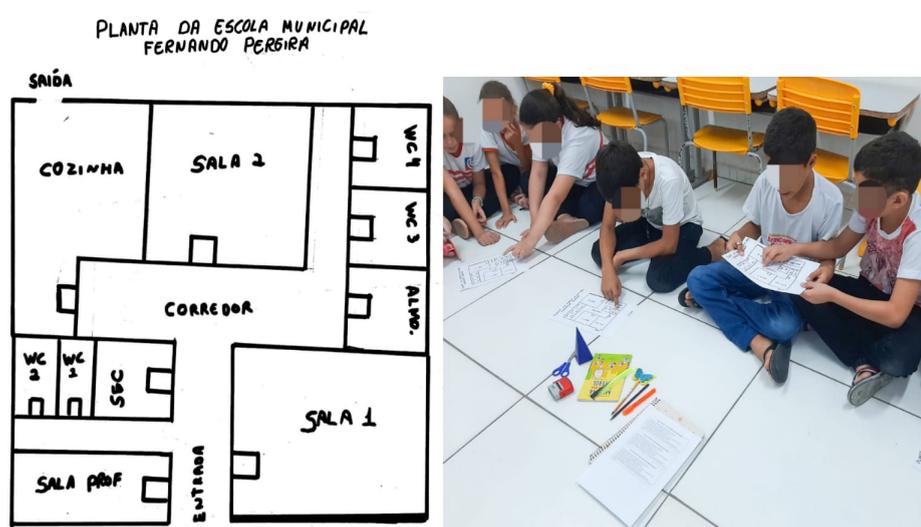
4.2.2 Segunda intervenção - Caça ao tesouro (a partir da planta simples da escola)

A segunda intervenção realizada com a turma do 5º ano da Escola Municipal Fernando Pereira, ocorreu no dia 10 de Maio de 2023, nas respectivas 3 horas/aulas de Geografia. Neste dia, apenas 9 alunos, entre os 11 alunos da turma estavam presentes na aula. A intervenção consistia em trabalhar com os alunos acerca da localização espacial e lateralidade de uma forma mais ampla, relacionada à primeira intervenção, por meio de um *Caça ao Tesouro* (a partir da planta simples da escola).

Na atividade os alunos receberam uma planta simples da Escola Municipal Fernando Pereira, desenhada a mão, sem as devidas medidas, apenas como forma de representação de

um determinado espaço, bem como, um roteiro de enigmas, no qual observando atentamente aos produtos (Figura 8), os mesmos alunos teriam que localizar determinados objetos em lugares específicos, apenas observando a planta e as orientações presentes no roteiro e também, a se localizarem por meio da lateralidade nesse sentido, conseguindo diferenciar as posições direita e esquerda, em cima e embaixo na caça aos objetos escondidos, ou seja, com essa atividade os alunos poderão aprender a localizar-se neste determinado espaço (a escola), bem como localizar objetos específicos em lugares específicos.

Figura 8 - Alunos observando a planta da Escola Municipal Fernando Pereira.



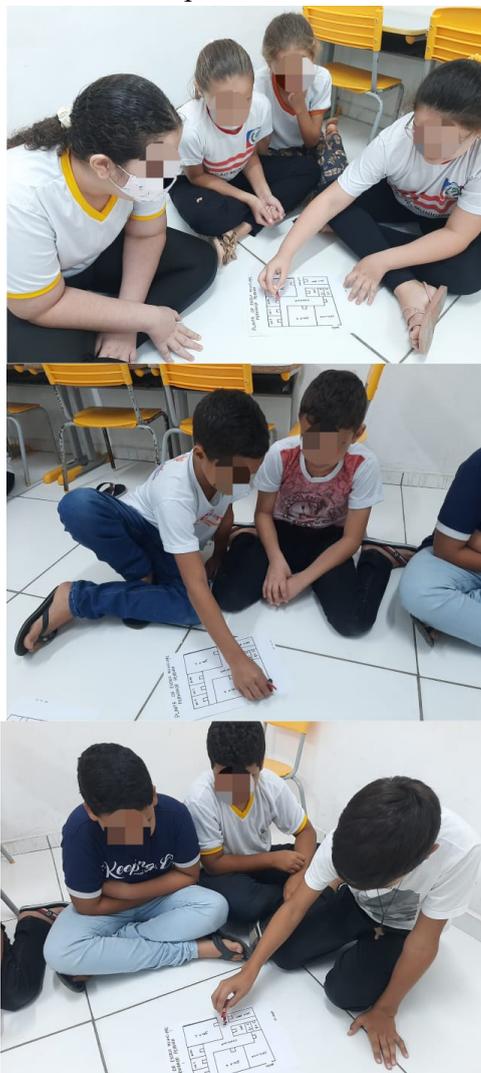
Fonte: Acervo de pesquisa, 2023.

Começamos esse momento mostrando a turma todos os recursos utilizados, ou seja, os objetos que seriam escondidos para que os alunos os encontrarem nos lugares postos e o material no que serviu como guia e, por conseguinte dividir a turma. Neste dia em específico com 9 alunos, dentre os 11 que a compõem para melhor aproveitamento e realização da atividade. Feita a divisão, entregamos a cada grupo uma planta da escola, bem como um boneco em miniatura. Nesse ensejo, foi possível questionar aos alunos se eles conseguiriam identificar onde estavam, no presente momento apenas observando a planta da escola.

Neste instante, todos os alunos conseguiram marcar na planta a localização exata de onde estavam. Para além disso, pedimos que ainda observando tal representação da escola cada grupo destinasse seus bonequinhos a um lugar específico, dentre os ilustrados na (Figura 9). Assim, constatando, se de alguma forma, dessa vez mais ampla, comparando a primeira

intervenção (mapa do corpo), os alunos conseguiriam posicionar seus bonecos nos lugares específicos corretos.

Figura 9 - Alunos levando o boneco ao local orientado pelo professor



Fonte: Acervo de pesquisa, 2023.

Dentre os 3 grupos divididos, apenas um sentiu dificuldade em colocar o boneco na posição correta, pois os mesmos componentes ainda enxergavam os lados direita e esquerda de forma espelhada. Assim, trocando a direita do boneco, com a esquerda do local onde foi orientado a colocá-lo, os outros dois grupos tiveram êxito e conseguiram posicionar seus bonecos nos lugares corretos.

No momento seguinte, pudemos explicar aos alunos que a proposta dessa atividade era o que eles acabavam de realizar, porém, de uma forma mais recreativa. Eles

teriam que se direcionar aos lugares descritos no roteiro, para encontrarem os objetos escondidos previamente e desse modo realizar um caça ao tesouro, na qual de uma forma lúdica poderiam aprender sobre lateralidade, localização, orientação e representação espacial, representações cartográficas e sistema de orientação. Feito isso, os direcionamos a frente da escola, e ao comando, eles deveriam adentrar na escola, e por meio das instruções contidas no roteiro, a partir da planta eles teriam que localizar os objetos escondidos, como mostra a Figura 10 abaixo:

Figura 10 - Alunos em frente à escola para iniciar a caça ao tesouro:



Fonte: Acervo de pesquisa, 2023.

Com o início da intervenção, pudemos seguir todos os grupos em seus trajetos contidos no roteiro, como se mostra a Figura 11, e constatar que os alunos não demonstraram

tantas dificuldades para encontrarem os materiais que outrora foram escondidos. Percebemos que para os mesmos já não era algo difícil compreender o que estava à sua direita e esquerda, e seguir o caminho correto ao objeto, identificando o que estava à sua frente, acima ou abaixo de objetos específicos. Notamos ainda, nesse caso, que tal atividade foi um complemento ao que os alunos realizaram na atividade anterior, do mapa do corpo, e que ambas se complementam nesse sentido, no primeiro instante, o aluno pôde localizar algo ao redor de uma ilustração, já no segundo momento os mesmos conseguiam fazer toda essa atividade de localização e lateralidade em espaços longe de suas visões, mas, a partir de orientações postas numa planta feita da escola.

Figura 11 - Acompanhamento dos alunos na caça aos objetos escondidos.



Fonte: Acervo de pesquisa, 2023.

Com isso, chegamos ao momento de partilha em sala, para dessa vez ouvir todos os alunos e suas considerações acerca da atividade desenvolvida, as dificuldades e facilidades encontradas. Os discentes alegaram terem se divertido, antes de tudo, com tal atividade, primeiro porque a mesma tinha um caráter desafiador, por ser também além do ambiente que eles costumam realizar suas atividades, ou seja, ser fora da sala de aula e, por fim, porque eles tiveram que andar pelos quatro cantos da escola para o desenvolvimento da atividade na companhia de seus amigos, relatou a turma.

Ainda nesse sentido de reflexão/avaliação sobre a atividade desenvolvida, questionamos aos alunos o que eles aprendiam com tal atividade e qual o sentido dela para eles, dentre as respostas, destacamos o relato de três alunos em específico: “*serve para identificar as salas*” (Aluno B, 2023). “*Identificar direita e esquerda*” (Aluno C, 2023). “*Pra encontrar a entrada e a saída da escola*” (Aluno D, 2023).

4.2.3 Terceira intervenção - Croqui (trajeto de casa até a escola)

Ademais, a outra atividade de intervenção, também realizada a fim de contribuir para com a construção da espacialidade da criança nos anos iniciais, mais precisamente no 5º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Fernando Pereira, consistiu na construção de um croqui, onde a partir do mesmo os alunos pudessem descrever, ou melhor, ilustrar, o trajeto que percorrem de suas casas até a escola, registrando no mesmo os elementos que circundam esse percurso.

Para realizar tal ação foi preciso orientar os alunos a observarem antes de tudo, atentamente o caminho percorrido até seus lares, pontuando, nessa observação, aquilo que é único nesse tráfego e que pode ser útil para terceiros chegarem a tal localização. Eles (os alunos) precisariam observar atentamente cada detalhe que poderia fazer com um amigo ou colega chegasse até sua casa. Ou seja, qual caminho e pontos de referência percorrer.

Os mesmos foram orientados a fazerem tal observação no dia 24 de maio de 2023, na ida da escola até seus lares, ao término da aula. Os 11 alunos deveriam fazer essa observação, e além disso, poderiam tomar nota e escrever o que viam nesse caminho que fazem da escola até suas casas, e vice-versa e que podem servir de referência para terceiros, e por fim, em casa, com o material recebido (Apêndice A) ilustrarem tal percurso para apresentarem em turma.

Após essa discussão mencionada acima demos início a segunda etapa da intervenção que consiste na apresentação de um croqui, e quais elementos não podem faltar neste esboço

(Figura 12), e que cada um deveria levar em consideração para idealização de seus croquis. Assim, nesse ensejo, foi apresentado aos alunos um exemplo de croqui, para que os mesmos pudessem observar atentamente cada detalhe que faz parte deste desenho.

Figura 12 - Apresentação do croqui e seus elementos à turma.



Fonte: Acervo de pesquisa, 2023.

Após os alunos observarem tais desenhos, foi a vez de discutir com eles de que para o croqui ser croqui de fato, e servir como representação para denotar localização, eles precisavam abarcar alguns elementos necessários a saber: os símbolos, o título e a legenda. A partir dessas informações é possível criar uma espécie de mapa mais simples que pode ser feito por qualquer pessoa, sob orientação docente. Feita essa discussão com os alunos, todos receberam os materiais necessários para confecção de seus produtos, para levarem até suas casas e ilustrar o trajeto percorrido por cada um, de suas casas até a escola.

Figura 13 - Apresentação dos croquis feitos pelos alunos

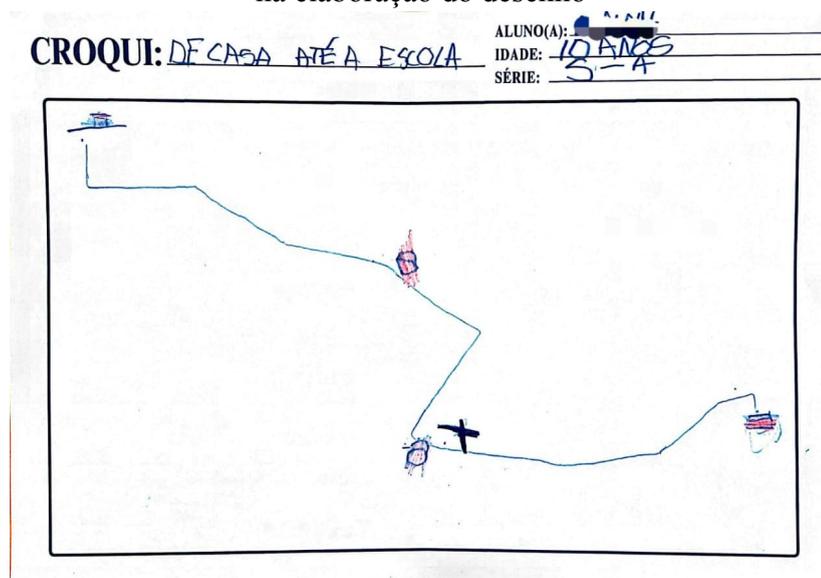


Fonte: Acervo de pesquisa, 2023.

No dia seguinte, em 25 de maio de 2023, nas referidas aulas de Geografia da turma em estudo, os alunos trouxeram consigo seus produtos ilustrados (croquis) para apresentação em sala, e desse modo oralmente mostraram como chegar até sua casa, saindo da escola, observando atentamente ao material. Conseguimos compreender que parcela maior dos alunos conseguiu expressar bem seus croquis no papel (apêndices B ao H), a partir da proposta sugerida, atribuindo título e legenda se utilizando símbolos para representação. Para além disso, ainda conseguiam narrar bem tal percurso ilustrado.

No entanto, entre os alunos da turma, um em específico sentiu mais dificuldade em desenvolver com precisão os desenhos para formação do seu croqui. A aluna é a que mora mais distante da escola, e tal fator, pode ter influenciado nisso. Observemos a Figura 14 abaixo, ainda percebemos que a mesma não colocou um título e legenda em seu produto cartográfico.

Figura 14 - Croqui da aluna que demonstrou maior dificuldade na elaboração do desenho



Fonte: Acervo de pesquisa, 2023.

No mais, a apresentação e também os resultados obtidos nessa intervenção em específico foram muitos satisfatórios. Conseguimos notar que neste momento, passadas as intervenções anteriores, foi mais fácil para maior da turma conseguir desenvolver um croqui, representando, a partir de símbolos, o trajeto que percorrem de suas casas até a escola. Nesse sentido, em paralelo aos resultados obtidos nas intervenções anteriores, podemos afirmar que a turma conseguiu seguir a sequência sugerida de atividades, ao seu ritmo, entendendo que é possível se localizar em um determinado lugar, e também localizar objetos, pessoas e coisas, e para além disso, que são capazes de descrever para terceiras formas de localização.

5 CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, foi possível observar a maneira como os alunos do 5º ano da Escola Municipal Fernando Pereira se deparam em suas respectivas aulas de Geografia, com as noções de espacialidade, que são fundamentais para sua formação pessoal enquanto leitores e intérpretes das dinâmicas espaciais em que estão inseridos.

Para tanto, por meio desta, também verificamos que os alunos possuem conhecimentos acerca de sua espacialidade e que conseguem dar seus primeiros passos nesse cenário onde falamos sobre localização. Ou seja, a partir das atividades realizadas com os alunos ante as intervenções mapa do corpo, caça ao tesouro (a partir da planta simples da escola) e da elaboração do croqui (trajeto de casa até a escola), além dos diálogos com todos, averiguamos que na verdade os estudantes precisam ser bem assistidos pelos professores que lecionam Geografia para que sejam aguçados com aquilo que já sabem e trazem consigo.

Nesse sentido, para entender como os alunos compreendiam a Geografia escolar, e a Cartografia enquanto linguagem, postas nos conteúdos dessa disciplina, foi preciso ao longo do trabalho, buscar perceber quais eram os empecilhos e entraves, ou seja, as dificuldades e barreiras entre os alunos e a Geografia: poucas aulas de Geografia e aulas apenas com o livro didático. Após isso, intervir através de atividades, como forma de apresentar aos discentes e fazê-los perceber suas possíveis formas de auto localização, seja usando o seu próprio corpo ou outros recursos. Por fim, dialogar com os alunos a fim de entender por meio de seus respaldos como é que foi possível alcançar e assimilar, ou seja, aprender, dentro dessa perspectiva de ler o espaço geográfico, partindo do lugar, *a priori*, em seguida de escalas maiores.

Portanto, nesse sentido é evidente o quanto é importante e preciso, desde os primeiros anos de escolarização, trabalhar e abordar nas aulas de Geografia tais conteúdos, que são formas de fazer com que o aluno, não se limite apenas a entender sobre grafemas e números, mas, que possa também alfabetizar-se cartograficamente, e possa entender o seu entorno com olhos de curiosidade. É importante incentivar os alunos a perceberem o mundo a sua volta como objeto de estudo e como algo que faça sentido para si mesmo. Ainda, buscar entender o que implica o aluno à compreensão do espaço, em micros e macros ambientes, e após a identificação do problema irmos a busca das formas possíveis de aproximar o aluno da Geografia escolar e fazer com que este possa entender a relevante importância de ler o espaço geográfico à sua volta.

Por conseguinte, consideramos tal pesquisa de suma relevância para todos os profissionais da educação, em especial aos pedagogos, visto que são estes os profissionais responsáveis por lecionar Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental, para que possam entender que existem muitas formas de discutir com os nossos alunos acerca da Cartografia escolar e as formas em que possamos aproximá-los dessa linguagem. Depois que o alunado possui consigo muitos saberes que podem contribuir para o seu desenvolvimento enquanto leitor do espaço geográfico, de forma mais ampla, e sobretudo daquilo que está em seu entorno, como seu bairro, rua ou cidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. **O espaço geográfico: ensino e representação**. São Paulo, Editora Contexto, 2002.

ALMEIDA, Rosângela Doin de. **O espaço geográfico: ensino e representação** / Rosângela Doin de Almeida, Elza Yasuko Passini. - 16. ed. - São Paulo: Contexto, 2010.

ALMEIDA, Rosângela Doin de. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola** / Rosângela Doin de Almeida. 5. ed., 4º reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2019. - (Caminhos da Geografia).

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. Brasília, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>>. Acesso em: 21 Jun. 2022.

CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o mundo: A Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago, 2005.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos, Apreensão e compreensão do espaço geográfico. (In) CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. **Ensino de Geografia: Práticas e textualizações no cotidiano**. 9ªed. Porto Alegre: Mediação, 2009.p. 11 - 82.

LEITE, Maria Adeni Clementino. **A cartografia escolar como metodologia na formação de professores de geografia na Universidade Estadual da Paraíba**. Maria Adeni Clementino Leite, João Pessoa, 2017. 101 f.

LONGO, Valéria Aparecida Anti. **A História da Cartografia e suas Contribuições para a Linguagem Cartográfica nas Séries do Ensino Fundamental**. Presidente Prudente: Universidade Estadual Paulista, 2011.

MASS, Flávia Ruti. **A cartografia no ensino de Geografia: uma análise de livros didáticos da rede estadual de ensino no município de Chapecó/SC**/ Flávia Ruti Mass. 2014. 97 f.:il.

MENDES, João. Fundamentos e metodologia do ensino de Geografia, Curitiba: **Editora Fael**, 2010. P. 174.

NOVAES, Ínia Franco de. **A Geografia nas séries iniciais do ensino fundamental: desafios da e para a formação docente**. 2006. 221 f. dissertação (Pós-graduação em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2006.

OLIVEIRA, L. Estudo metodológico e cognitivo do mapa. In: ALMEIDA, R. D. de **Cartografia escolar**. São Paulo: **Contexto**, 2007.

PAGANELLI, Tomoko. Formação de professores de Geografia: diversidade, prática e experiência. Organização de Amélia Cristina Bezerra. Jader Janer Moreira Lopes e Denizart Fortuna -Niterói : **Editora da UIH** 2015.-300 p. :21 cm -(Série Práxis

Educativa.v. 10).

PICHETH, S. F.; CASSANDRE, M. P.; THIOLENT, M. J. M. Analizando a pesquisa-ação à luz dos princípios intervencionistas: um olhar comparativo. **Educação**, [S. l.], v. 39, n. 4, p. s3-s13, 2016.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núriaa Hanglei. **“Representações Gráficas na Geografia”**. In: **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007, p. 289-319

RICHTER, D. A LINGUAGEM CARTOGRÁFICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, [S. l.], v. 7, n. 13, p. 277–300, 2017. DOI: 10.46789/edugeo.v7i13.511. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/511>. Acesso em: 30 maio. 2023.

RICHTER, Denis. **Professor (a), para que serve este ponto aqui no mapa?: a construção das noções espaciais e o ensino da Cartografia na formação do (a) Pedagogo (a)**. 2004. 155f. Dissertação (Mestrado). – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2004..

RIZZATTI, Maurício. **Cartografia escolar e inteligências múltiplas** / Maurício Rizzatti, Roberto Cassol, Elsbeth Léia Spode Becker. - 1. ed. - Curitiba: Appris, 2020.

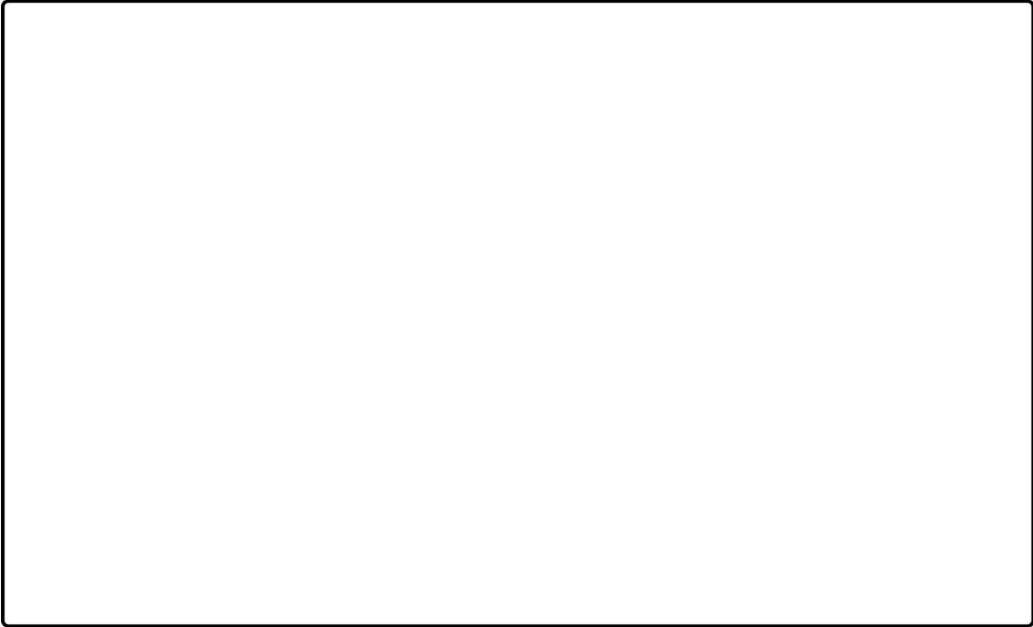
SANTOS, Maurício Caetano dos. A importância da produção de material didático na prática docente. **Congresso Brasileiro de Geógrafos**. Vol. 7. 2014.

SHULMAN, L. S. Conocimiento y enseñanza: fundamentos de la nueva reforma. Profesorado. **Revista de Currículum y Formación de Profesorado**. v.9, n.2, Granada, España, 2005, pp.1-30.

SIMIELLI, Maria Helena R. Cartografia no ensino fundamental. In: CARLOS, ANa Fani A. (Org.). **A Geografia na Sala de Aula**. São Paulo: **Contexto**, 1992. p. 92 - 108.

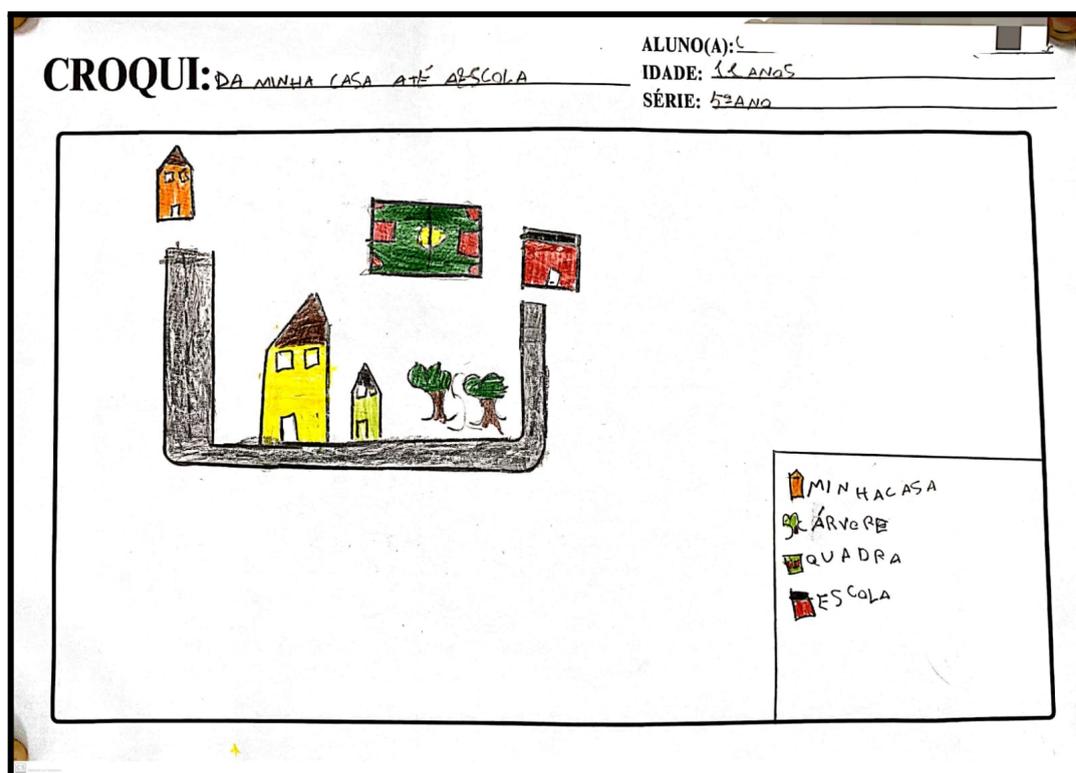
STRAFORINI, Rafael. **Ensinar geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais** / Rafael Straforini - 2º edição. São Paulo: Annablume, 2008.

APÊNDICE A – ATIVIDADE PARA ELABORAÇÃO DO CROQUI

CROQUI: _____	ALUNO(A): _____
	IDADE: _____
	SÉRIE: _____
	

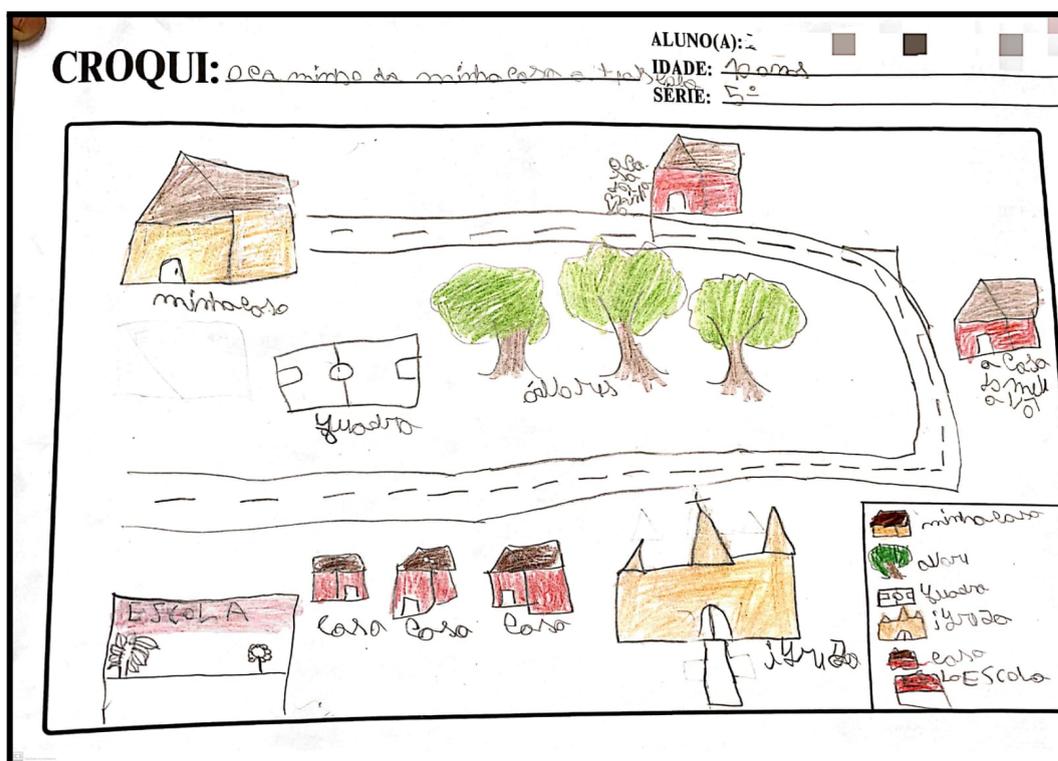
Fonte: Autoria própria, 2023.

APÊNDICE B – CROQUIS DOS ALUNOS DO 5º ANO DA ESCOLA MUNICIPAL
FERNANDO PEREIRA



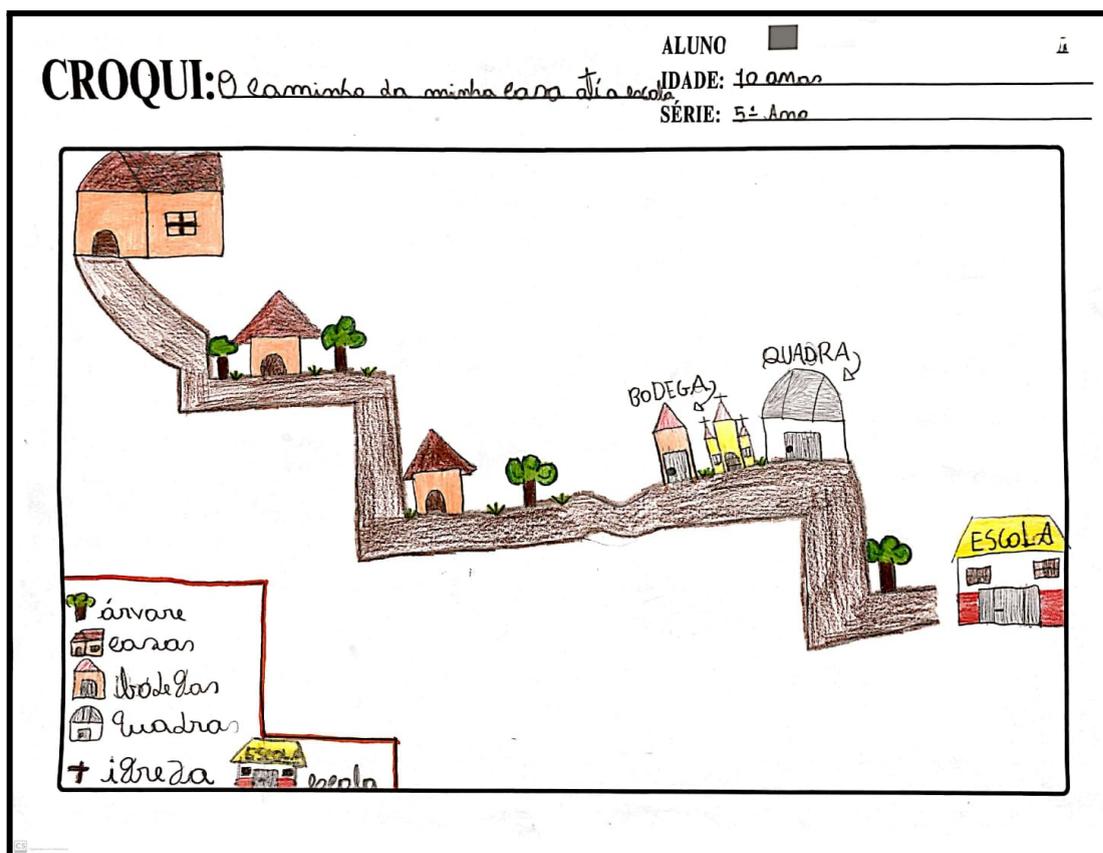
Fonte: Acervo de pesquisa, 2023.

APÊNDICE C – CROQUIS DOS ALUNOS DO 5º ANO DA ESCOLA MUNICIPAL
FERNANDO PEREIRA



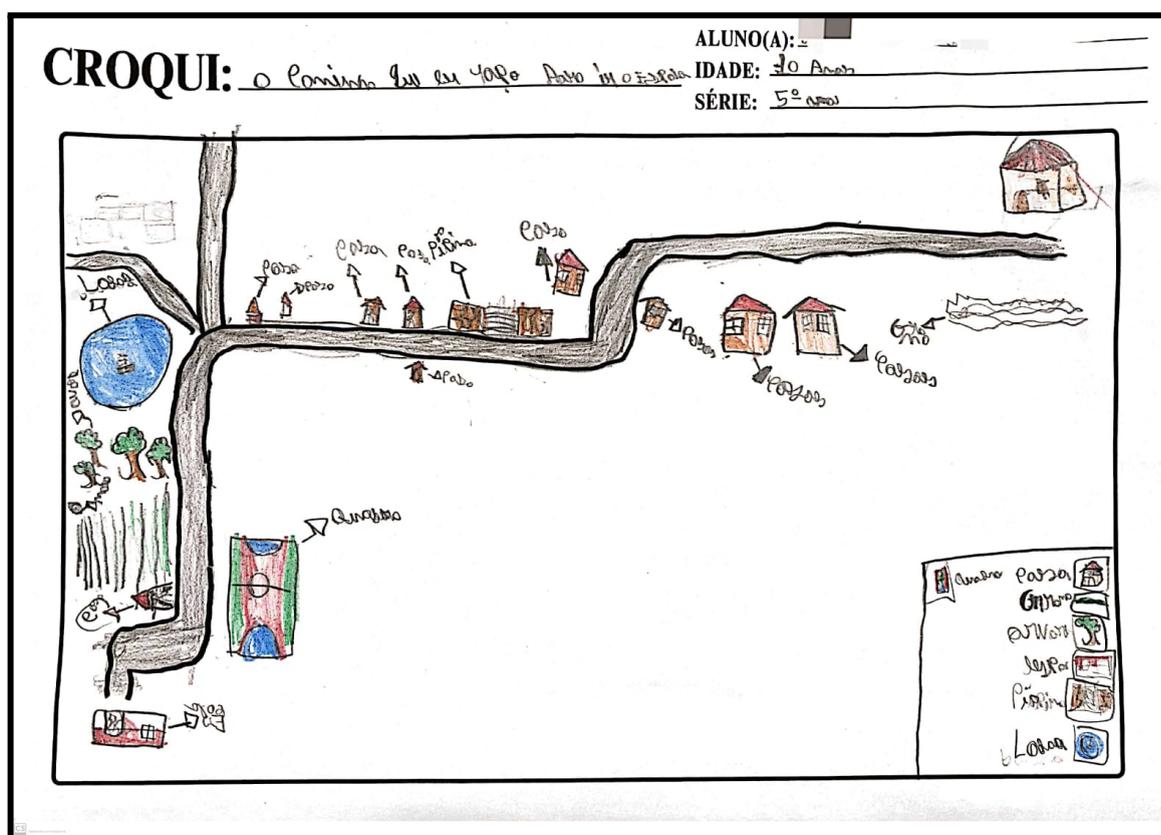
Fonte: Acervo de pesquisa, 2023.

APÊNDICE D – CROQUIS DOS ALUNOS DO 5º ANO DA ESCOLA MUNICIPAL
FERNANDO PEREIRA



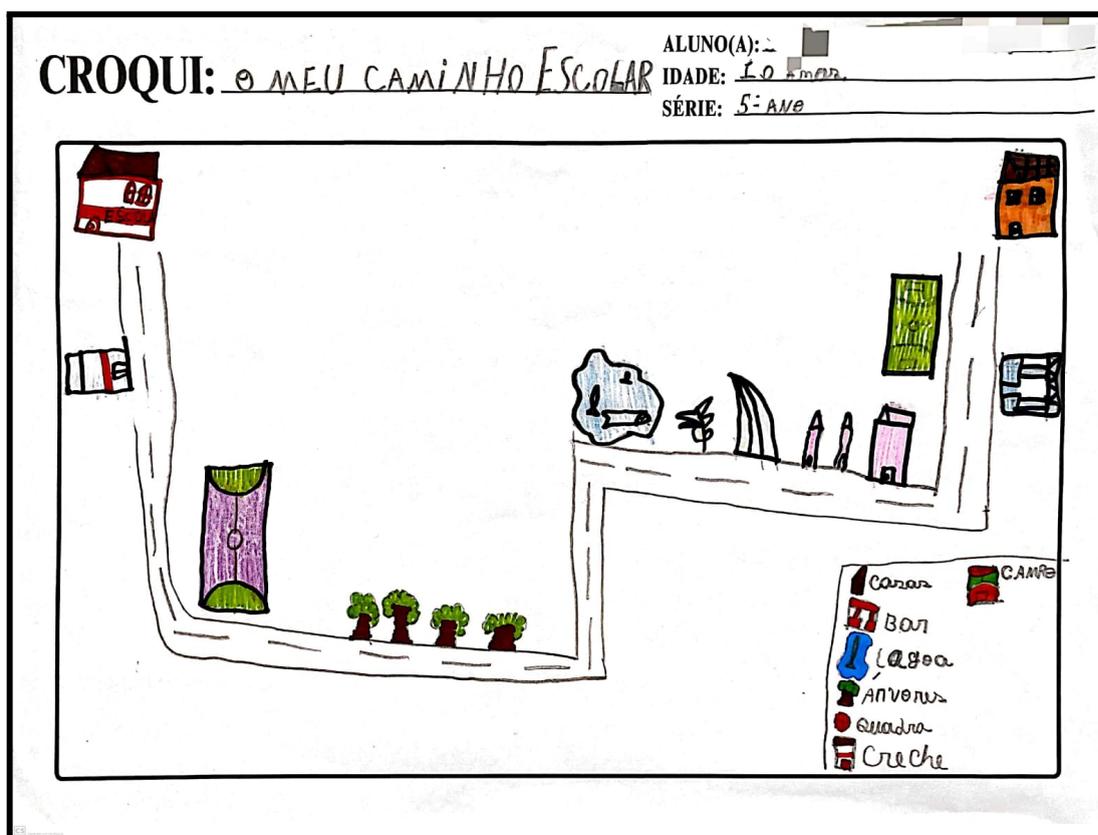
Fonte: Acervo de pesquisa, 2023.

APÊNDICE E – CROQUIS DOS ALUNOS DO 5º ANO DA ESCOLA MUNICIPAL
FERNANDO PEREIRA



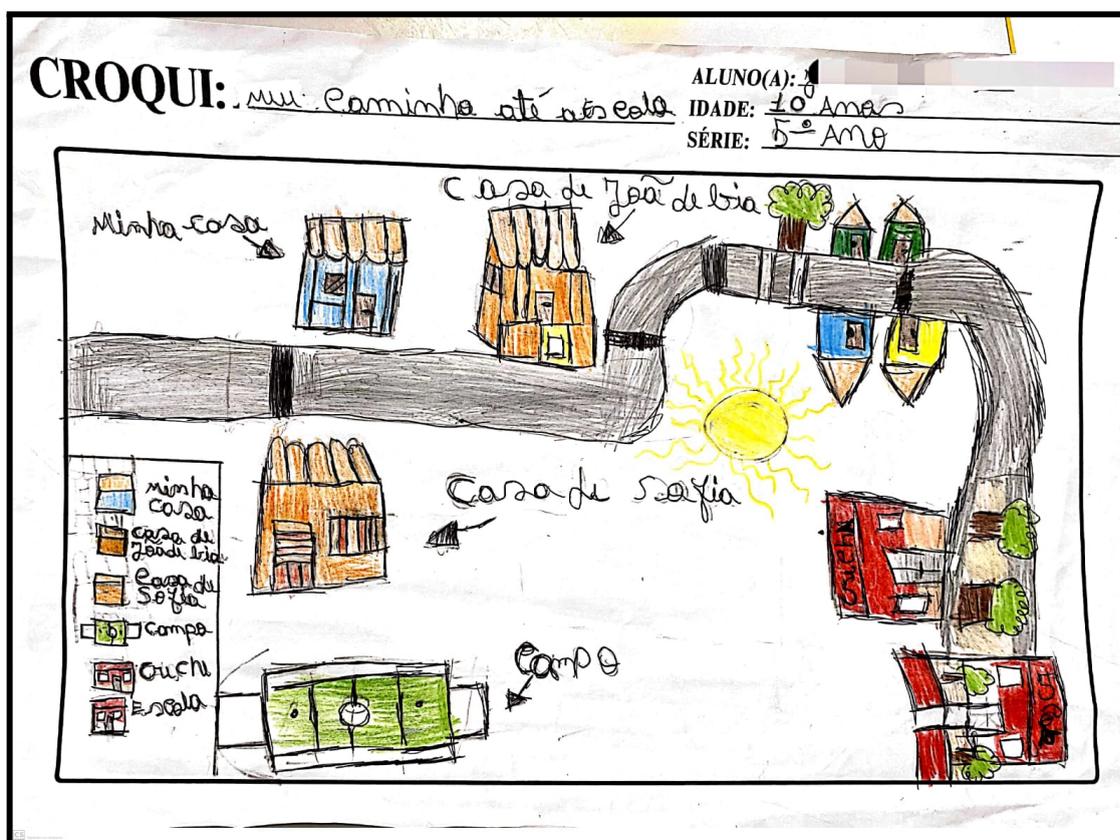
Fonte: Acervo de pesquisa, 2023.

APÊNDICE F – CROQUIS DOS ALUNOS DO 5º ANO DA ESCOLA MUNICIPAL
FERNANDO PEREIRA



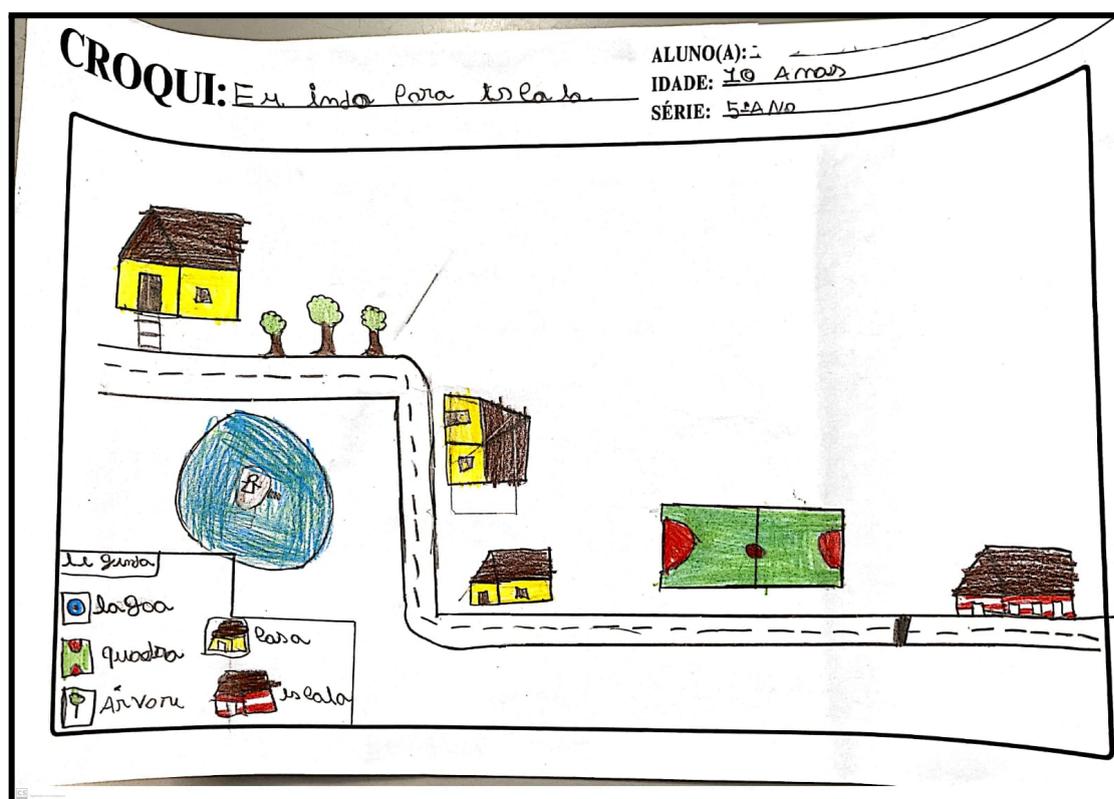
Fonte: Acervo de pesquisa, 2023.

APÊNDICE G – CROQUIS DOS ALUNOS DO 5º ANO DA ESCOLA MUNICIPAL
FERNANDO PEREIRA



Fonte: Acervo de pesquisa, 2023.

APÊNDICE H – CROQUIS DOS ALUNOS DO 5º ANO DA ESCOLA MUNICIPAL
FERNANDO PEREIRA



Fonte: Acervo de pesquisa, 2023.